



KAKATUAS.

Os PAPAGAIOS só foram conhecidos na Europa na epocha da expedição de Alexandre Magno: Onesicrito, commandante da frota deste monarcha macedonio, trouxe da India oriental os primeiros, que pertenciam á especie, hoje por essa rasão denominada pelos naturalistas = *Psittacus Alexandri* = o papagaio colleirado d'Alexandre Magno. Mas a principio tão poucos appareceram que Aristoteles falla delles como por informações. Os romanos, alargando suas conquistas pela Asia, os alcançaram de igual especie: mas assim mesmo eram tão raras aquellas aves que se dava por uma o valor d'um escravo: no tempo de Nero vieram a ser mais communs, porque as acharam no Egypto superior. O descubrimento da America, onde ha muitas variedades dellas, as vulgarizou na Europa. Hoje é tão crescido o seu numero que, para evitar confusão, as separaram os naturalistas em diversos grupos, sendo um delles o das kakatuas representado na estampa.

«Os animaes que o homem tem admirado mais [diz Buffon] são os que lhe pareceram participantes da natureza humana; maravilhou-se todas as vezes que os viu praticar ou arremedar as nossas acções: o macaco pela sua similhaça das fórmas exteriores, o papagaio pela imitação das palavras, lhe parece-

ram individuos privilegiados, intermedios entre o homem e os brutos: juizo este falso, gerado pela primeira apparencia, mas em breve destruido pelo exame e reflexão.»

Com effeito o papagaio é devedor da maior parte da sua celebridade á facilidade com que reproduz os sons e articulações da voz humana; mas este dote é puramente machinal, e provem da conformação da sua lingua espessa, obtusa e carnosa, quasi como a dos mammaes, assim como do abobadado do bico: e as aves do nosso continente, que nestas qualidades physicas se lhe assemelham, por exemplo, os corvos, as pégas, os gaios, gozam igualmente da propriedade de fallar com mais ou menos perfeição; e algumas temos ouvido ensinadas mestramente. Todavia o papagaio é digno de estimação por outros dons, que nelle mostram gráus superiores d'instincto, taes como a susceptibilidade de uma certa gratidão e afeição constante a quem o trata bem, de aversão a quem o maltrata. Omittiremos o fazer menção da brilhante plumagem de muitas destas aves interessantes, que entre as que servem de recreio ao homem são as mais proprias para lhe fazer companhia, unico prestimo que podem ter, se é que a sua garulice ás vezes não incommoda: e por isso dizem os

negros boçaes do sertão que os papagaios, que para nenhum serviço aproveitam, fallam, e os macacos de manhosos não querem fallar para que os não fagam trabalhar.

Muitas especies vivem em sociedade, voando em numerosos bandos duas vezes ao dia, de manhã para os campos onde encontram seu pasto, á tarde para as densas florestas, onde se recolhem a passar a noite.

As especies maiores, como as araras, não compõem tamanhos ranchos, nem se apartam das selvas. Os periquitos tanto se ajuntam que formam no ar sombras como nuvens, e nos campos do novo-mundo é gracioso espectáculo vêr por entre as ramadas vecejantes d'uma arvore frondosa ondearem e moverem-se aquelles corpos verdes, que parecem folhas animadas de vida, que dos troncos se despegam para mudar de logar. Observaremos de passagem, que, menos na Europa, em todas as regiões do mundo se encontram no estado natural varias castas de papagaios. —

As kakatuas, que ha de côres diversas, distinguem-se pelo maior volume do corpo, e principalmente por uma poupa no alto da cabeça, que a ave ou abaixa ou ergue, como lhe apraz, e que na primeira situação lhe dá muita graça. Domesticam-se facilmente, e são de natural amoroso, mas com difficuldade aprendem a fallar. Deve haver todo o cuidado em as não deixar soltas pelas casas, porque, á maneira das araras, roem fatos, trastes de madeira e quanto apanham: para que satisfagam esta propensão podem dar-lhes alguns pedaços de páu inúteis com que, exercitando a força dos bicos, se entretenham.

LISBOA.

3.º

EM additamento ao que escrevemos a pag. 247 sobre o sitio e convento da Penha de França, aproveitámos, por conterem materia nova, as seguintes noticias, que nos foram transmittidas por um nosso distincto assignante sob as iniciaes *D. = S. M. de V. S.*, o qual nos honrou igualmente com uma succinta, mas curiosa historia da ordem de S. João de Jerusalem ou de Malta, que no proximo vol. publicaremos. Muito desejámos que as pessoas entendidas nestas materias se dignem communicar-nos, para geral proveito dos leitores, as suas indagações, que ou por extracto ou na sua integra acharão promptamente logar nas columnas do Panorama.

O primeiro fundador daquella igreja foi um Ant.º Simões, dourador, natural de Lisboa, que achando-se com elrei D. Sebastião na batalha d'Alcacer fez um voto de fazer certo numero de imagens de N. Senhora, com diversas invocações, se o livrasse daquelle perigo voltando a salvamento; cumpriu o seu voto, e não sabendo que invocação dêsse á ultima que fizera, assentou em lhe dar a de N. S. da Penha de França por conselho d'um P.º Ignacio, jesuíta muito devoto de uma muito milagrosa imagem deste titulo, que se venera em Castella perto de Salamanca, e a depositou na ermida da Victoria com outra de S. João Baptista, que tambem fizera, e se venera na ermida de S. João dos Bemcasados: e desejando fazer-lhe uma ermida lhe agradou este sitio da Cabeça d'Alperche, para que pediu licença a seu dono, Affonso Torres de Magalhães, que vendendo-se livre d'uma enfermidade, em que invocou a Senhora, lh'a concedeu, e em 25 de Março de 1597, dia da Anunciação, se lançou a 1.ª pedra que em lettras douradas tinha escripto = Jesus Maria avan-

te. = No anno seguinte, em dia do Espirito Santo, foi para alli conduzida a Senhora em procissão, generalisando-se por tal modo a sua devoção que, apenas se conseguiu licença para dizer-se missa na ermida, logo Antonio Simões ordenou que 30 sacerdotes alli assistissem para as dizer, sendo muitas vezes preciso distribui-las a outros; mas o que mais concorreu para esta devoção foi a peste ou epidemia que grassou em Portugal, e principalmente em Lisboa, nestes annos de 1598 e 1599, por occasião da qual a tropa castelhana que estava no castello com o seu capitão general, conde de Portalegre, fizeram uma procissão á dita ermida, e o povo de Lisboa um voto solemne.

Em 28 de Janeiro de 1599, a instancias do povo da cidade, reuniu-se o senado da camara, por ordem de D. Gil Eannes da Costa, seu presidente, e fez publicamente o voto de sahir todos os annos em procissão da casa de St.º Antonio até a capella da Senhora se por sua intercessão cessasse o flagello da peste, indo neste primeiro anno descalço, e alem disso lhe mandaria erigir, como depois erigiu, a capella-mór d'uma nova igreja, com seu retabolo e ornamentos, com a divisa da cidade e lettreiro com a rasão do voto, para cujo fim alcançou d'elrei D. Philippe 2.º o decreto de 9 de Setembro de 1599 approvando os seis mil cruzados que o senado applicou para a despeza por um imposto no vinho e carne. Cumpriu a cidade o voto dia da Senhora das Neves, 5 d'agosto do mesmo anno, sahindo a procissão de noite, por causa da calma, com a unica imagem de St.º Antonio, e assim continuou regularmente até ao de 1833, e por sahir de noite lhe chamavam a procissão dos ferrolhos.

No anno de 1603 fez Antonio Simões doação do seu padroado aos Eremitas de St.º Agostinho, que com esmolas foram fazendo o convento, que chegaram a concluir com os bens d'Antonio Cavide, que alem das esmolas e ornamentos lhes doou, por escriptura de 1667, uma herdade em Villa-Viçosa que rendia um conto de réis, e concluida a nova igreja em 1625 para alli se trasladou a imagem em Fevereiro com uma tão notavel procissão, que dando volta pela cidade recolheu com perto de 200 guiões, 118 cruces, e 18 ternos de charamellas, afóra as danças, xacotas e cousas semelhantes que, como diz um contemporaneo, acudiram á procissão.

O templo é de mediocre extensão, mas elegante, muito alegre, e de fórma outavada; as paredes são forradas de marmore, mas as columnas dos altares são de telha por ficar por concluir; é rico o camarim e peanha da Senhora, de mosaico; tem no corpo da igreja 4 quadros do celebre pintor portuguez, Bento Coelho, sobre os altares collateraes, representando a Anunciação, Visitação, Appresentação, e Desposorios da Senhora, os quaes nos consta estarem á disposição da Academia de Bellas-Artes para os poder d'alli tirar. Na chamada casa dos milagres, antes da sachristia, ha um grande mausoléu de marmore sobre 3 leões, cujo lettreiro diz = Tumulo de Antonio Cavide e sua mulher D. Marianna Antonia de Castro = o qual Antonio Cavide, padroeiro e benfeitor do convento, foi mestre d'elrei D. Pedro 2.º, e secretario das mercês e estado d'elrei D. Affonso 6.º, e de espirito tão portuguez que entre as missas quotidianas que deixou por sua morte, foram duas por alma de D. João 4.º e uma por todos os que fallassem a lingua portugueza.

Já fizemos menção da devoção que o povo de Lisboa tem com a S.ª da Penha de França assim como o das suas visinhanças, donde vem todos os annos varias romarias; porem maior é ainda a dos nave-

gantes, que amiudadas vezes depois de viagens trabalhosas vem em procissão offerer-lhe os traquetes dos navios e fazer-lhe festa, havendo uma muito notavel irmandade da Senhora da Penha, a que chamam dos mareantes ou navegantes, e tambem dos fidalgos em rasão do seu juiz, cuja instituição, por sua singularidade, será aqui referida.

No anno já referido de 1599, em que o reino soffria a peste, haviam partido para a India 7 naus, sendo capitão-mor dellas D. Jeronymo Coutinho, que depois foi presidente do Paço, o qual por devoção levou um cirio da Senhora, mas desinvolvendo-se a peste a bordo, fizeram na altura do Cabo de Boa-Esperança o voto de fazer uma confraria e irmandade á Senhora da Penha, para o que se inscreveram logo e fizeram juiz a D. Jeronymo Coutinho; e succedendo não morrer nenhum dos inscriptos, quando chegaram a terra fizeram uma procissão á sua capella, levando velas e galbardetes em homenagem, e muitas offertas da India. Foi em 20 de Março que se estabeleceu no mar a irmandade, que foi approvada por decreto de 6 d'Outubro de 1609; e por memoria desta instituição declarava o compromisso que para juiz fosse sempre eleito o capitão-mor que nesse anno passasse á India, por ter sido esse o seu primeiro juiz; e assim o mandava elrei nas cartas dos capitães-mores da armada da India, das quaes vimos uma copia, declarando que seriam juizes da irmandade da Snr.^a da Penha. Alem desta irmandade tem mais tres que são a de S. João Baptista, Nossa Senhora do Livramento, e Senhora dos Affligidos.

O monte sobre que o convento e igreja estão collocados é um dos sitios mais picturecos, e mui agradável ponto de vista de Lisboa; é o mais elevado de toda a cordilheira que se estende na direcção de nordeste da cidade, abrangendo uma extensa vista de mar e terra, limitada ao poente pela Serra de Cintra e immensidade do Oceano, ao norte pela Serra de Monte Junto, e pelas planicies do Alentejo e Serra da Arrabida ao sul: campinas e montes cultivados, multiplicados arvoredos e oliveas, o Tejo em diversas direcções, a immensa cidade povoada sobre montes, encostada ás suas faldas, e por diversos valles dirigindo-se até ao Tejo, matizada de palacios e arvoredos; e na sua proxima base um extenso terreno de bem cultivadas hortas d'um lado, e pelo outro um sombrio valle que convida a meditar; tal é a jucunda posição coroada pela igreja e convento da Penha de França, de cujo mirante se avistam muitas leguas d'extensão. Pela supressão das ordens religiosas ficou o edificio ao desamparo, e não só despojado das alfaias, mas até desmantelado em proveito de quem se queria aproveitar: hoje está-se concertando pelas obras militares, dizem que para hospedaria de officiaes; a igreja não está em tão mau estado, mas privada das suas melhores alfaias, e até dos harmoniosos sinos, os quaes se acham na parochial da Encarnação, e que com justiça se poderiam reclamar por pertencerem á irmandade de N. S.^a da Penha, como bem claramente se póde ler nas lettras esculpidas nos mesmos sinos. Ao prior e junta da parochia, á irmandade a quem a lei favorece, e á camara municipal como padroeira desta capella, incumbe reunir todos os esforços para a conservação daquelle templo que frequentam muitas romarias, e tambem para o aformoseamento do sitio, que é um dos mais agradaveis passeios da capital.

SOBRE OS HABITOS D'ASSOCIAÇÃO.

TIVEMOS já occasião de observar que os habitos ad-

quiridos tinham grande influencia no nosso espirito, e que são elles que nos inclinam para a virtude ou para o vicio. — Certos estamos de que não vem longe o dia em que os philosophos conheçam que as *palavras* teem mais poder do que se lhes suppunha sobre os nossos pensamentos e acções. Bem sabido é que ellas são originariamente arbitrarías; mas tambem não entra em duvida que desde que nos ensinaram a associar certas idéas a certas palavras, estas ultimas conservaram sempre intimo poder e ligação com as primeiras. Talvez o *vidro* fosse outr'ora denominado *carne*, e vice-versa; porem as suas significações estão de tal modo fixadas nos espiritos dos que se servem de semelhantes objectos que necessariamente hão de dar a cada um delles o sentido que pelo habito lhes applicaram sempre. Deste facto procede uma subtil e poderosa, posto que desconhecida influencia, que sem se perceber domina a maior parte do genero humano.

Diz um moderno, e sensato escriptor, que é provavel que muitos actos dos nossos antepassados, para que hoje olhámos com horror, fossem por elles praticados na melhor fé do mundo, e considerados sob um ponto de vista mui differente; e traz para exemplo as execuções crueis que tinham lugar em virtude de reaes e de suppostos erros de opinião. Julga tambem que só escrupulos de consciencias timoratas, e pouco esclarecidas, poderiam concorrer para crueldades cujos auctores, segundo o seu pensar, venciam a repugnancia que para ellas tinham, com a idéa de que assim poriam termo a maiores males. Quanto mais acaloradamente se debaterem as rasões pró e contra o que acima ponderámos, mais força ganharão as nossas proposições. A natureza humana é, em seus fundamentos, a mesma em todas as epochas; e por esse motivo julgámos mais razoavel suppôr que os povos não estavam bem esclarecidos sobre certas opiniões, do que declara-los gratuitamente réos dos maiores flagícios, e interessados no derramamento do sangue humano e na anniquilação dos seus semelhantes. É a darmos como exacta a opinião do nosso auctor, que idéa não devemos formar do grande poder *dos habitos da associação*? O homem acostumado desde os primeiros assômos da rasão a ligar a certas palavras idéas vis e indignas, não póde ser culpado de reputar um *dever* varias acções, de que se horrorisaria se tão insidiosamente se lhe não houvessem transmittido aquellas ideas.

Nos annaes dos crimes encontram-se frequentes exemplos de réus que tem subido ao patibulo com a insolencia pintada no rosto, e nos labios expressões descommedidas. É muito de presumir que estes desgraçados vissem sempre dissolutamente, e que as pessoas que os educaram lhes dissessem por costume que o mal era o bem; a vileza, grandeza; e a vergonha verdadeira gloria!

É pois de summa utilidade saber dar ás palavras o valor que realmente tem, influindo muito essa clara intelligencia para a cultura do nosso espirito e bondade do nosso coração. Só assim se evitará a má direcção do espirito, filha da confusão das idéas; e para o conseguir devem constantemente empenhar-se todos os que conhecem quanto dos habitos da associação dependem as boas ou más inclinações do homem.

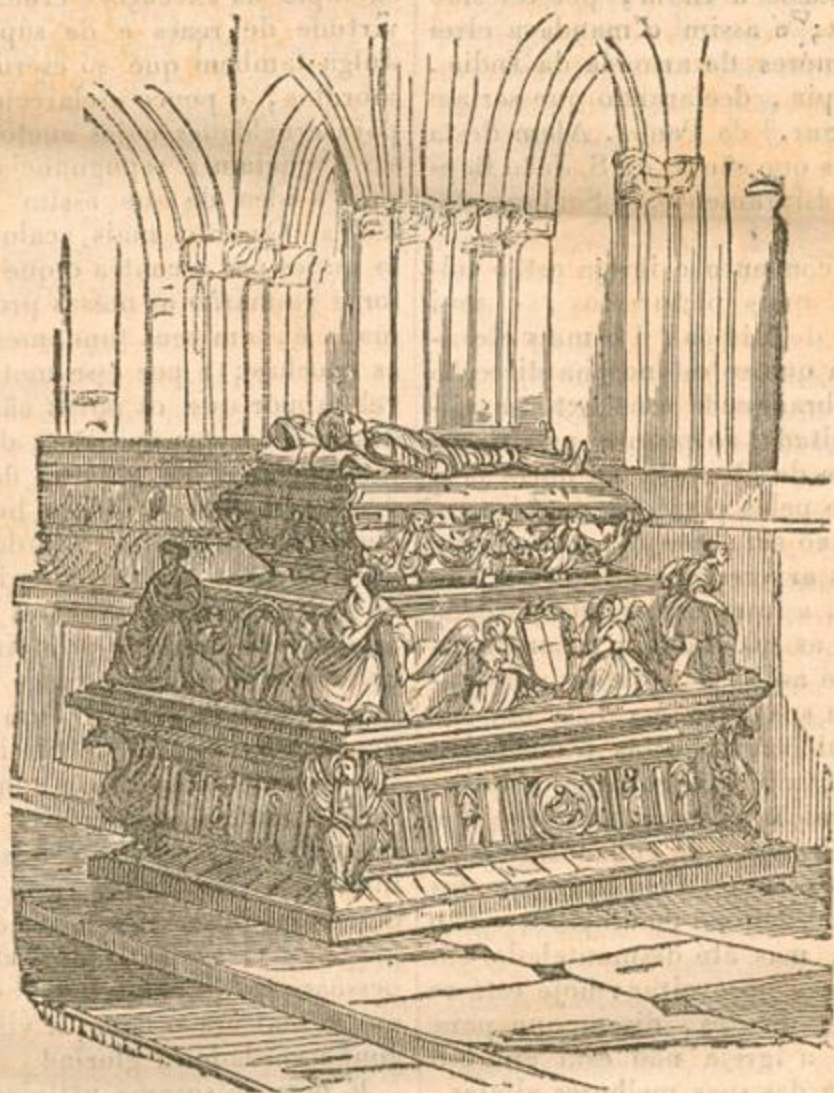
Que o homem é capaz de, por um erro fatal, lançar n'uma fogueira o seu semelhante, é facto comprovado pela historia, ácerca do qual já temos sufficientemente recorrido: — que o homem tem mais de uma vez assolado povos, e dado sobre o campo da batalha prematura morte a centenaes de victimas, tambem é horror que frequentemente presenciámos.

Mas viu-se já que os guerreiros, e as nações que assemem a tanta crueldade, considerassem como sanguisentos verdugos, e tratassem como verdadeiros imitadores de Cain os auctores dessas calamidades? ... Não. — É comtudo se qualquer malvado priva outro homem da vida que o Creador lhe concedeu, mandam as leis que elle seja ignominiosamente suppliciado, e os juizes ainda que tremam ao proferir a sentença, não hesitam, por conhecerem que é mister vingar a sociedade altamente offendida. O acto deste individuo é então designado pelo nome, na verdade terrivel, de *assassinio*; e até aos entes mais abjectos horrorisa o ferrete de cobardia e crueza que elle põe ao desgraçado que praticou o crime; subindo o réu ao patibulo sem que um suspiro se solte para lamenta-lo.

É esta a sorte do homicida; e succede outro tanto ao guerreiro e ao conquistador? Aos males com que estes affligem a humanidade dá-se o brilhante nome de *gloria*, e o povo, ainda ha pouco traspassado de dôr pelo assassinio de um só homem, applaude agora em altos brados os feitos dos seus *heroes*, e

illumina as casas para festejar estas hecatombas. — Não é só n'aquella palavra que existe o abuso, nem a unica que se applica impropriamente. Outros vocabulos não menos significativos se acham corrompidos por habitos sociaes: e taes são as palavras *respeitavel*, *elegancia*, e *honra*, muitas vezes igualmente desnaturalizadas ou prostituídas.

São tão poderosos os habitos da associação, quer considerados pelo lado verbal, quer pelo lado mental, que em quanto a nós grande serviço faria ao mundo moral e intellectual o philosopho que destruisse, ao menos na maior parte, os males de que é causa a errada associação de idéas. Desta, e de meras preocupações, que ao princípio nada valem, se passa com muita rapidez e facilidade á perpetração dos maiores crimes. Não conhecemos trabalho que mais deva aproveitar ás pessoas sensatas do que o que tender a separar as idéas falsas das verdadeiras, pois que sem um conhecimento claro de ambas estas cousas é mui difficil poder discorrer com acerto: — ao menos é o que a experiencia nos ensina e a razão nos mostra quotidianamente.



TUMULO DOS REIS FERNANDO E ISABEL NA SÉ DE GRANADA.

DESDE D. Rodrigo, ultimo rei dos visigodos na Peninsula, até o reinado de D. Fernando o catholico, e de sua mulher D. Isabel; isto é, durante um longo periodo excedente a sete seculos, não houve, falando com propriedade, monarchia hespanhola; porquanto aquella região se achava dividida em muitas soberanias, de christãos umas, de mahometanos outras, e todas entre si independentes, distinctas por legislação, habitos e costumes. Pôde por isso asseverar-se que Fernando e Isabel foram os verdadeiros fundadores da unidade da monarchia hespanhola, e que a sua politica destra preparou a elevação a que

esta potencia subiu quando Carlos 5.^o e Filippe 2.^o reinaram nos dois hemispherios.

D. Fernando, 5.^o do nome em Castella e 2.^o em Aragão, foi filho de D. João 2.^o deste ultimo reino, e delle herdou a corôa; em 1469 desposou-se com D. Isabel, filha de D. João 2.^o de Castella, que por morte de seu irmão D. Henrique 4.^o e por consentimento das côrtes herdou o sceptro, transmitindo-o a seu marido e segundo primo, D. Fernando (*).

(*) De Fernando e Isabel foram filhas as duas primeiras mulheres do nosso rei D. Manuel: a saber, D. Isabel, viuva sem successão do principe D. Affonso, filho de D. João

Os dois esposos, investidos com o supremo poder, tomaram providencias opportunas para a boa administração de seus estados: estabeleceram *la santa hermandad*, especie de homens de policia, para a segurança das estradas; mandaram demolir a maior parte dos castellos e fortalezas de muitos senhores e cavalleiros, que, não sendo convenientes já para a defeza do reino, eram outros tantos asylos de criminosos; annullaram numerosas alienações dos proprios da corôa, feitas por serviços suppostos ou exaggerados; reuniram nas suas pessoas os mestrados das ordens militares, que anteriormente eram uma especie de principados livres; despojaram os grandes do direito, que até allí gosaram, de serem os conselheiros natos do soberano e de subscreverem os privilegios; prescreveram novas ordenações judicarias; protegeram os homens sabios e deram impulso á instrucção litteraria da nobreza.

Muitos acontecimentos principaes caracterizam este reinado, que fórma uma epocha nos annos da Hespanha; e podem assim recopilarse: 1.º o estabelecimento do temivel tribunal da inquisição, funesto e amaldiçoado instituto, de que o paiz foi victima, e nodoa indelevel do governo de D. Fernando: 2.º a expulsão dos mouros: 3.º um grande erro politico, o edicto que obrigou os judeus a convertirem-se ou a expatriarem-se: 4.º as viagens de Christovão Colon ou Colombo e o descobrimento do Novo-Mundo.

O reino mourisco de Granada estava dividido em dois partidos contendores: Fernando aproveitando a occasião, poz-se em campo contra elle, e depois de haver tomado cincoenta cidades e villas, assediou a cidade capital que se lhe rendeu depois de oito mezes de cerco: nesta campanha se exercitou no mister das armas o famoso Gongalo de Cordova, o *grão capitão*, que mais tarde conquistou para o monarcha hespanhol o reino de Napoles. Fernando acabou com o dominio sarraceno: Sevilha, rica em bazares, Cordova, magnifica em palacios, depois da opulenta Granada, cahiram em seu poder. Acrescentou ainda mais os seus estados com as conquistas de Navarra e de Oran e outros logares na costa d'Africa, sobre tudo com os vastos dominios na America, que lhe foram mettidos em casa por Colombo; facto, que por muito notorio e já em varias partes do Panorama mencionado, deixámos de relatar agora por miudo.

Este soberano hespanhol mostrou grande pericia nas negociações com as diversas potencias; mas nem sempre a lealdade e boa fé no cumprimento dos contractos dirigia as suas palavras e acções: quando empenhou a Inglaterra a se armar contra os francezes, em breve a desamparou a fim de concluir vantajosa paz com a França; e ambas as nações lhe ficaram chamando perfido. Conta-se que dizendo-se-lhe uma vez que Luiz 12.º se queixára de que elle o tivesse enganado em tres occasiões, respondêra: — «Mente: já passam de dez as vezes que o tenho enganado.» —

Fernando falleceu aos 23 de Janeiro de 1516, e sua esposa, Isabel, já era morta desde 26 de Novembro de 1504. O mausoléu de ambos está na cathedral de Granada: é um dos magnificos monumentos marmoreos, que povoam a maior parte das principaes sés velhas do reino d'Hespanha.

2.º, que passou a segundas nupcias com elrei em Outubro de 1497, e morreu de parto aos 24 d'Agosto de 1498: e D. Maria, que casou com o mesmo D. Manuel, seu cunhado, em 30 de Outubro de 1500, e jaz no mosteiro de Belem, tendo fallecido a 7 de Março de 1517.

O MONTE DA BOA-MORTE, TERMO DA VILLA DE POVOS.

A VILLA de Povos, proxima da Castanheira, é de mui antiga fundação; querem alguns, e o P.º Carvalho o diz, que fosse a antiga Jerabrica, mas esta povoação romana era Alemquer, por onde passava a terceira via militar que de Lisboa ia a Mérida, e outra que de Lisboa sahia para Braga. É ella conhecida desde os primeiros tempos da monarchia, pois que elrei D. Sancho 1.º lhe deu foral em 1194: mas não entrando agora em questões obscuras da sua primitiva origem, passaremos a fallar do nosso principal objecto, recopilando as informações que nos ministrou o nosso digno assignante o Sr. Bacharel, João José Miguel da Silva Amaral.

Sobranceiro á mencionada Villa de Povos, pela parte do norte, jaz um monte, e no alto d'elle está edificada uma igreja mediocre, cuja capella-mór manifesta o gosto da architectura da idade media, sendo o corpo do templo de moderna construção: é dedicada ao Senhor Jesus da Boa-Morte, ignora-se o motivo da invocação. Diz a tradição vaga que foi n'outras eras appellidada de N.ª S.ª dos Povos: porém é certo que pertencêra á ordem militar dos templarios pelos seguintes fundamentos. 1.º Porque ainda hoje no segundo adro da igreja se vê um marco daquelles com que os cavalleiros templarios costumavam assignalar os bens que lhes pertenciam: n'uma das faces tem a cruz da ordem e na outra um signalomão. 2.º Porque as lapidas sepulchraes, que alli se acharam, mostravam a cruz da ordem, com a espada de punho torcido sendo a separação deste da folha por um S horisontal, tudo de relevo na pedra. Estes monumentos foram estragados pela ignorancia dos pedreiros, que os quebraram para os reduzir a alvenaria, e com elles fabricar novas paredes do edificio, que todavia foram arruinadas pelo terremoto de 1755. N'um dos assentos fóra da igreja está outra campa quebrada, onde só se póde ler: «aqui jaz Maria Pinta que faleceu... de 1569...»

Defronte da igreja estão mórros de pedra, grès-micacea, onde se encontram sepulturas abertas e excavadas, umas quebradas, outras ainda intactas, de configuração propria para receberem um cadaver humano deitado, com 67 pollegadas no maior comprimento, 19 ditas de largura no logar onde deviam repousar os hombros, um vão para a cabeça, e no sitio onde deviam ficar os pés 12 pollegadas tambem de largo: estas excavações são mettidas dentro d'um parallelogrammo, cujos lados tem um rebaixo de duas pollegadas de profundidade sobre o qual assentaria a campa ou lapida sepulchral: parece que se destinavam para receber corpos embalsamados ou preparados como as momias do Egypto. Consta que os phenicios herdaram dos egypcios este modo d'enterrar os seus mortos; tambem as historias antigas nos referem que este povo senhoreou a nossa Lusitania, e que era o costume do gentilismo de muitas partes da Asia e Africa abrir sepulturas em rocha viva; póde portanto attribuir-se aos phenicios a obra de que fallamos, e se tal é remotissima tem a origem, talvez cinco ou seis seculos antes da vinda de Christo. Mas o seguinte facto difficulta o assentimento a esta opinião. Em 1837 excavou-se aquelle mórro para abrir pedreira, e os obreiros acharam uma ossada humana e com ella uma moeda romana, que o nosso assignante diz ter remetido para a Academia R. das Sciencias. Averiguação é esta que deixamos á investigadora paciencia dos antiquarios.

Continuaram os cabouqueiros a minar o monte, e provavel é que não tarde que desapareçam os vesti-

gios desta antiguidade: encontraram mais outra osada, e com ella os fragmentos d'um pente ou traste semelhante de materia cornea, que mostrava ser tartaruga, com a notavel particularidade de ser dourada, tão viva a douradura que parecia recentemente feita.

Talvez que estas breves linhas excitem a curiosidade de alguém; e por isso aqui as lançamos, sem querer arriscar mais reflexões, e agradecendo ao nosso assignante a noticia que nos communicou; desejando ao mesmo tempo que outros se animem a dar-nos parte de quaesquer curiosidades, phenomenos naturaes, antigualhas ou tradições importantes das terras de suas respectivas residencias.

NEM TODOS OS SABIOS SÃO BONS CRITICOS.

QUANDO um escriptor está satisfeito com a sua obra não deve submettê-la no juizo dos outros, e se o fizer cumpre-lhe não seguir á risca a opinião do seu juiz. O seguinte exemplo comprova a justiça desta observação.

Bernardin de Saint Pierre, celebre auctor dos Estudos da Natureza, compoz a linda novella de Paulo e Virginia; e como fosse uso n'aquelle tempo lêrem-se os opusculos pouco volumosos diante d'alguns litteratos, dirigiu-se elle uma tarde a casa do famoso ministro Necker, aonde lendo a sua obra na presença de Buffon, Thomás, Galiani, e outros genios distinctos, teve o desgosto de observar a indifferença com que tão eminentes escriptores ouviam as naturaes bellezas de que elle julgava haver ornado os seus innocentes heroes. — Apenas chegou a casa arrojou o manuscrito ao chão no firme proposito de lança-lo ao fogo, como cousa reprovada. Indo Vernet, pintor de grande reputação, visitar no dia seguinte M. de Saint Pierre, este lhe communicou o seu dissabor pelo pouco mérito da sua novella, a qual estava resolvido a inutilisar. Vernet impugnou semelhante resolução, posto não tivesse lido a obra, rogando encarecidamente ao auctor que a publicasse, não obstante o parecer dos criticos. Paulo e Virginia sahio com effeito á luz, e de tal modo foi applaudida que do seu producto obteve o auctor abundantes meios para tirar-se do apuro em que se achava, e viver alguns annos com decente subsistencia. — Eis-aqui como um amigo sincero, sem lêr a composição de que tratava, salvou da ruina uma das melhores obras no seu genero, remediou a penuria do auctor, e, o que é mais apreciavel a um litterato, converteu o desgosto, motivado pela desapprovação apparente daquelles sabios, em elogios dados com profusão por outros escriptores não menos distinctos do que os que assistiram em casa de Necker á primeira leitura de Paulo e Virginia.

PRESENTE DO IMPERADOR DA CHINA A ELREI D. JOÃO 5.^o

ELREI D. João 5.^o tendo recebido do imperador da China um presente magnifico, por via do missionario, Antonio de Magalhães, resolveu retribuir com outro, nem para menos era a bem conhecida magnanimidade deste nosso monarcha. Mandou para este effeito por embaixador á côrte de Pekim Alexandre Metello de Sousa e Menezes, o qual fez a sua entrada publica naquella cidade a 13 de Março de 1728, sendo recebido com honras singularissimas e tratado como representante de um grande soberano não feudatario. Mr. Scherer, empregado da legação russia-

na, fallando desta embaixada portugueza, diz o seguinte: — É certo que os embaixadores e outros deputados que o czar Pedro 1.^o enviou á China foram tratados como d'igual para igual; mas o imperador nunca se resolveu a escrever uma carta ao czar; o tribunal dos negocios estrangeiros na China é quem escreve, ou ao embaixador ou á repartição de semelhantes negocios na Russia, e só depois de 1727 é que Mr. Metello de Sousa, enviado do rei de Portugal, obteve uma declaração do imperador, em a qual se diz que não devem ser tratados como tributarios, nem os enviados d'elrei de Portugal, nem os dos outros soberanos da Europa. — Entretanto em 5 d'Agosto de 1793 a embaixada ingleza partiu para Pekim em bateis, que levavam nos mastros este leltreiro: *embaixador que traz o tributo do rei d'Inglaterra*: vide a relação da viagem de Lord Macartney. Tom. 3.^o pag. 145.

Daquelle presente que mandou o imperador da China fez parte um iman que o lente João Antonio Dalla Bella menciona na sua 1.^a memoria sobre a força magnetica [Tom. 1.^o das da Academ.], e com o qual fez muitas experiencias no real gabinete de physica: o mesmo professor denomina-o famoso, e diz que é «um pedaço d'iman que na proporção da força com a grandeza é dos mais estimaveis que elle víra ou de que ouvira fallar.» O seu peso é de 38 libras e 7 ½ onças: Dalla Bella o conservava suspenso na sua direcção natural, e carregado sempre com uma massa de chumbo de 174 libras. N'algumas experiencias demonstrou-se que sustentava ainda maior peso.

HISTORIA ANTIGA DAS ROSAS.

TANTO os gregos como os romanos attenderam muito á cultura das flores, quer para as offertarem nos templos ás suas deidades, quer para lhe servirem de enfeites nas occasiões de publicas ou particulares festividades. Parece todavia que os ultimos estimaram mais as flores que os primeiros, o que provavelmente se póde attribuir á imitação do luxo e esplendor que os romanos presenciaram nas regiões orientaes.

Homero, o cantor dos numes e dos heroes, Anacreonte, o poeta das graças e dos amores, em seus versos celebraram a rosa: aquelle no hymno a Ceres, este em muitas das suas delicadas odes, em que a appellida a rainha e a mais bella das flores, que nasce em meio de espinhos, porque todas as cousas preciosas se difficultam.

Os antigos tambem empregavam a rosa em usos medicinaes, como se vê d'Oribasio, Celso e outros escriptores: especialmente, no seu culto pagão, a consagravam a Venus, donde lhe vieram os epithetos de *pafia e cyprina*; nem havia, segundo era de rasão, rosas tão lindas como as dos jardins de Paphos, Amathunta, e Chypre, dedicados á deusa da formosura. As victimas dos sacrificios engrinaldavam-se com flores, do mesmo modo os que celebravam os ritos; e penduravam-se corôas de rosas [pelo que refere Atheneu] nas portadas das casas das noivas. Com flores eram coroados os mortos; costume ainda hoje permanente no Levante, e que nós, povos meridionaes, imitamos com as capellas e palmitos, que enfeitam as crianças que morrem. Sophocles nos representa Electra e Orestes espargindo flores sobre o tumulo paterno: actualmente em muitos paizes da Europa se plantam ou depositam junto ás sepulturas e monumentos funebres. Este testemunho e tributo de affeição e saudade tambem se vai usando em Portugal, depois que se ordenaram os dois grandes cemiterios da capital, determinação esta

credora dos maiores elogios. Os antigos preferiam para as ceremonias funeraes todas as flores de côr branca ou purpurina, porque as tinham por mais agradaveis aos manes, e sobre tudo as rosas, como emblema da brevidade da vida. Os gregos tambem usavam dos amaranthos e perpetuas, e talvez sejam estas mais proprias, como symbolo da eternidade. A murta era tambem planta funérea.

Em dias de banquete juncavam-se as mezas e os pavimentos das salas de folhas de rosas, com grinaldas se orlavam as taças e se coroavam os convidados. Suppoem alguns que esta pratica se introduziu em tempo d'Augusto, fundando-se, não sabemos se com razão sufficiente, nestes versos d'Horacio:

Da Persia os apparatus aborrego,
Nem tão pouco me apraz flórea grinalda:
Ah! não te cances em buscar-me agora
As rosas que vem tarde (*)

Finalmente as essencias e perfumes de rosas são d'antiguidade tão remota que destas preparações faz menção o patriarcha da poesia, Homero, na Iliad. 23.^o v. 186.

O JURY QUE NÃO COME NEM BEBE.

Em epochas, como a actual, de constituições politicas, poucas pessoas haverá que não saibam quão grande é o privilegio civil dos inglezes em serem declarados réus, ou não réus, dos delictos imputados, e em ser designada por dois homens da classe do accusado a quantia em dinheiro que o calumniador deve pagar ao calumniado. Muitos dos nossos leitores ignorarão talvez o motivo porque a constituição ingleza determina que o referido jury se conserve encerrado n'uma casa sem comer nem beber, até dar a sua sentença. Os antigos saxonios que introduziram em Inglaterra este formidavel escudo contra a arbitrariedade dos juizes, tornavam-se notaveis pela sua glotonaria e embriaguez; e havendo estabelecido esta lei em momentos de sobriedade, não quizeram que a intemperança lhe malograsse os effeitos. Quando uns poucos de homens estão comendo e bebendo é difficil obter delles uma sentença justa; porque o vinho que a uns dá eloquencia, faz a outros condescendentes, e, a não poucos, indifferentes e teimosos. Em tal caso a unanimidade de votos seria impossivel, ou pelo menos difficilissima; e estes inconvenientes só se podiam remover conservando-se os jurados sem verem pão nem agua, até dizerem *sim*, ou *não*.

VANTAGENS DE QUEM MADRUGA.

O ASSUMPTO mais importante para o homem é o que o ensina a fazer bom uso do tempo, e a empregar com vantagem os talentos com que a natureza o favoreceu; e o meio mais proprio para conseguir um e outro fim é o habito de levantar cedo. Entre as muitas vantagens que consigo traz este costume, só mencionaremos as tres seguintes, que a nosso ver são da maior valia para a conservação da saude.

1.^a Saude. A palavra saude tece o seu proprio elogio: — é o presente mais benefico do céu, na ausencia do qual se não pôde gosar de prazer algum na terra. Sem saude não desfructa o opulento as suas riquezas; o sabio perde o vigor das faculdades intellectuaes; o ente mais pacifico que della se vê privado perde n'um momento toda a tranquillidade e resignação. O monarcha mais poderoso abandonado da saude é individuo miseravel, até no fausto real,

(*) Liv. 1.^o Od. 38.^a

ao passo que o jornaleiro que a desfructa, é uma creatura feliz, no meio das suas laboriosas tarefas. A velhice vigorosa regosija-se com a lembrança do passado; gosa do presente, e começa a ler no futuro as esperanças que lhe inspiram os sentimentos religiosos. A mocidade valetudinaria em nenhuma das estações acha prazer; por isso que as enfermidades nada lhes deixam esperar nem gosar com satisfação. O amor, virtude attrahente, sem a qual nem um momento existira a natureza, morre, e perde toda a força n'um peito enfermo e amortecido; finalmente, as delicias deste mundo estão presentes ou ausentes em nossos corações á proporção que a saude ou a doença de nós se affasta ou aproxima. Sendo pois a saude um beneficio tão apreciavel, é um dever nosso procurar todos os meios possiveis de adquiri-la e conserva-la, para o que se não conhece outro mais proprio do que o levantar cedo. Quem haverá tão insensato que julgue alcançar maior grau de saude dormindo mais tempo do que o necessario para descanso do corpo? Quem será assaz louco para pensar que é tão indifferente para a conservação da saude o passear de noite e dormir de dia, como o descansar a uma hora regular e levantar cedo? Perder os momentos preciosos que nos offerece uma manha formosa, é, alem de imprudencia, um crime; pois que tanto vale como exprobar á providencia divina o haver determinado em nosso favor que o sol começasse o seu curso diario com tamanho esplendor, e que a natureza apresentasse naquella hora todas as suas graças e attractivos. De outro lado nada pôde haver tão prejudicial a uma constituição delicada, ou a qualquer pessoa estudiosa como o conservar-se na cama, depois de ter acordado pela espontanea acção do corpo sufficientemente descansado. A preguiça engrossa os succos, enfraquece as partes solidas, e estraga inteiramente a constituição do corpo. Portanto, o madrugar é summamente importante para a saude, e a todos inculcamos este uso como summamente util e proveitoso.

2.^a Provcito. A attenção do homem deve fixar-se sobre tudo o que possa contribuir para a sua ventura, cumprindo-lhe buscar o necessario para a vida por meio de alguma empreza manual, ou mediante qualquer trabalho intellectual. Muitas pessoas ha, que, possuindo grandes riquezas, não carecem dedicar-se a trabalho algum para viver commodamente. Todavia poderá chamar-se feliz o que não exercita um cargo, nem gosa de honra alguma na sociedade? O caracter que mais distingue o genero humano da criação bruta é o de ter sido formado menos para a vida presente do que para uma vida futura, mais feliz do que esta; e o de não haver sido creado tão sómente para si, mas tambem para os outros, com o fim de concorrerem todos para o bem geral. A patria exige que cada um de nós coopere em seu favor, até com o sacrificio de bens e da propria vida; porem cidadão algum lhe pôde ser util sem a applicação intellectual, na qual devemos empregar todos os momentos depois do descanso, em que o corpo está mais agil, e a intelligencia mais clara; vantagens que só se obtem nas horas matutinas.

O artifice, levantando-se cedo adianta mais a sua obra; o estudante avança muito nos seus trabalhos mentaes; o meditador acha mais ordem na cadêa das suas reflexões; o pai de familias goza prazer sincero vendo o regozijo innocente dos filhos, summamente interessante nas horas matutinas; todos, em fim, excepto as pessoas que se deleitam em irregularidades nocturnas, conhecerão por experiencia quanto é proveitoso o madrugar.

3.^a — Prazer. Os preguiçosos confessam commun-

mente a necessidade e vantagens de madrugar; e se todavia proseguem no habito contrario, é porque desconhecem os prazeres que desfructa quem recebe o influxo dos primeiros assomos da aurora. As delicias que nos offerece uma manhã formosa são de tal natureza que não ha quadro no mundo que as possa representar, nem expressões que as possam descrever. Para as conhecer é mister senti-las — unico meio de as apreciar devidamente. Nada ha em a natureza mais magestoso e brilhante do que a hora da alva. A vinda do astro refulgente é annunciada com tanta pompa que nem a sua repetição, nem as enfermidades do corpo, ou as afflicções do espirito, a tornam menos formosa e admiravel. A aurora apresenta uma scena que ao pincel mais delicado seria impossivel representar, e que a imaginação mais viva mal poderia descrever. Quando o sol aponta no horizonte do mar, toda a superficie do fluido elemento se alegra com esta apparição. Os seus raios, summamente brandos e agradaveis áquella hora, derramam-se pela atmosphera, e, reflectindo nas aguas cristalinas, augmentam a claridade do dia: tudo é luz; a vista do espectaculo quasi que se some no circulo do horizonte, e a mente se absorve nesta scena silenciosa. Quando o planeta assoma no horizonte da terra, e que o seu disco resplandecente reflecte nas collinas, o quadro é então ainda mais brilhante; a atmosphera é toda esplendor; animam-se as plantas; espetam-se as flores; saudam-se os passaros; recream-se os brutos; e o homem pensador, vendo subir tão magestosamente o pai da luz, fixa nelle os olhos, mas não podendo a vista resistir a tão luminosos raios, nem a mente comprehender a natureza do astro glorioso, inclina o rosto, e entoia canticos ao auctor de tantas maravilhas, cuja sabedoria adora prostrado em terra.

Tal é o prazer que o corpo sente, e de cuja sensação participa a alma nas primeiras horas do dia. Quão diversa é a sorte do preguiçoso, que se conserva na cama até alto dia, e que encerrado n'um quarto respira uma atmosphera corrupta pelos miasmas do seu corpo, mais ou menos inficionados!

Como os zelandezes bravios respeitam os europeus. — Os indios da Nova Zelandia, refere o *Diario Asiatico* publicado em Londres, manifestam o apreço que fazem do valor dos europeus de uma maneira peculiar e caracteristica. Um dos caudilhos daquelles naturaes contou a um missionario inglez, que um troço da sua gente haviam morto, poucos dias antes, um europeu, e que o haviam comido; porem que respeitando o extraordinario valor com que se tinha defendido, resolveram não comer os braços nem as mãos de um homem tão valente.

REMEDIOS PARA CURA DA HYDROPHOBIA.

LEMOS em o N.^o de 8 de Setembro do corrente anno do jornal inglez, *The public ledger and Newfoundland general advertiser* uma correspondencia trasladada do *Morning Post* de 13 de Julho, onde se expõe um methodo curativo da espantosa, e até agora irremediavel molestia da hydrophobia, que resulta da mordedura dos cães damnados. Este methodo, privativo ao que se diz d'um homem, chamado Lalie, morador nas fronteiras da Hungria com a Turquia, foi mandado experimentar e pôr em pratica por medicos militares de ordem da repartição superior dos negocios da guerra do imperio austriaco, e assevera-se que se recolheram os mais satisfactorios resultados; por isso se publica, e offerece á consideração dos facultativos, para beneficio da humanidade.

Consiste principalmente na sangria feita nas veias sublinguaes e na applicação da genciana da especie denominada *cruciata*, que é um vegetal abundante na Europa. Advertiremos que no *Diccionario portuguez de arvores, plantas, animaes, &c.*, dado á luz em 1765 pelo capitão José Monteiro de Carvalho, lêmos no artigo «genciana» que esta planta, entre outras virtudes, tinha a de curar as mordeduras dos cães damnados.

Conforme os periodos da enfermidade ha dois tratamentos (1). No primeiro periodo, isto é quando começam a apparecer os primeiros symptomas, se examinará a lingua do paciente, e pela parte inferior se verão turgescer, isto é inchadas, as veias sublinguaes, começando nas visinhanças do freio e manifestando-se uns pontos negros, parecidos a cabeças de moscas; mas quando a doença proggride a tumescencia affecta todas aquellas veias. Virar-se-ha para cima a lingua com um instrumento de pau de dois braços como um forcado; e as veias sublinguaes se abrirão com uma lanceta, depois do que, solta a lingua, se deve deixar correr a sangria até parar por si; e dar-se-ha ao doente a primeira dose do remedio. Tres quartas partes d'uma onça (2) da *genciana cruciata* constituem a maxima dose: deve ser a raiz primeiro pisada e depois macerada em agua de modo que forme umas papas raras. Todas as manhãs se repetirá a dose por espaço de nove dias. Ao mesmo tempo se tratará o golpe da sangria deste modo: — Em quanto recente lavar-se-ha com espirito d'alecrim e applicar-se-ha uma especie de emplasto composto de duas partes de farinha de centeio e uma de bagas de junipero, misturadas com forte espirito de vinho de modo que forme um polme. Se a ferida estiver fechada é necessario aberta e escarificada.

2.^o Tratamento. — Quando a doença tem já chegado aos seus violentos parocismos, será preciso agarrar forte e prudentemente o enfermo, e ministrarlhe uma onça de raiz: abrindo-lhe a boca com duas cunhas de pau e tapando-lhe a passagem nasal do ar até que engula o remedio. Se, passadas tres horas, occorrerem de novo os parocismos, é necessario introduzir-lhe uma raiz inteira na boca, e obriga-lo a mastiga-la e dissolvê-la. As veias sublinguaes se abrirão no primeiro intervallo lucido, e depois das sangrias se lhe póde dar um pouco de caldo. Depois disto os enfermos tomam agua sem repugnancia, cahem n'uma branda somnolencia por oito ou dez horas, e ficam curados. Durante o somno segrega-se um muco na boca, da consistencia da clara d'ovo e d'uma leve cor amarella; é muito adhesivo e difficil d'expellir: é importante que o doente possa deitar fóra esta fleuma. Esta secreção caracteriza os primeiros tres dias da doença, e grande cuidado deve haver em a remover, principalmente antes que se ministre o remedio. Quando a sangria não tem sido sufficiente, é necessario recorrer a ella de novo passados cinco dias em os ataques violentos; e a decoção da raiz se dará quando a mais leve recaída se manifestar passados nove dias, e depois de tres dias d'intervallo póde dar-se ao enfermo algum aperiente para excitar-lhe o appetite.

(1) Tivemos o maior escrupulo na traducção destas receitas, porque nos pareceram redigidas de um modo *bastante empirico*.

(2) A onça de pezo inglez é pouco menor que a nossa; equivale a sete oitavas e $\frac{2}{10}$.

Com este N.^o se distribuem aos S.^{res} Assignantes o rosto e indice deste 4.^o volume: os mesmos se acham á venda nas lojas do costume, por 25 rs., nas cidades de Lisboa e Porto.

Senhores.



Direcção, que na antecedente Sessão desta Assembléa Geral foi nomeada para a gerencia dos negocios da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, vem hoje appresentar as suas contas, e o resultado de seus actos administrativos, em desempenho de seas devêres e cumprimento dos Estatutos.

São dois os ramos essenciaes desta empreza: um jornal litterario e instructivo — e uma typographia, não só destinada á impressão do jornal, mas tambem á de quaesquer obras, que opportunamente se offereçam, por conta de editores particulares. — O público portuguez tinha direito a exigir que o « Panorama » pela linguagem, assumptos e nitidez typographica, satisfizesse ás condições, annunciadas pela Sociedade; e ao mesmo tempo devia esperar que a nova Officina acreditasse a typographia em Portugal; porque não era uma especulação ou tentativa feita ao acaso, mas sim o esforço de uma Associação, que tem por divisa a diffusão e aperfeiçoamento dos Conhecimentos Úteis. Os Senhores Accionistas e o público imparcial decidirão se o Jornal e a Officina correspondem ao que se esperava. Todavia cumpre dizer que não falta a concorrência de assignaturas para um, e de obras particulares para a laboração da outra.

Estava promettida a edição da Chronica do Cardeal Rej com a Vida do Secretario d'Estado, Miguel de Moura; e com effeito viu a luz pública, sahindo ampliada com algumas notas e documentos. Temos entre mãos outro inédito, escripto de um illustre philólogo sobre a lingua portugueza; contâmos que será bem acolhido pelos Senhores Subscriptores, por versar sobre tão importante materia.

Portanto, respectivamente ás circumstancias e fundos desta Sociedade, parece que não era possivel adiantar mais no curto prazo da sua existencia.

A Direcção aproveita gostosa a occasião de manifestar o quanto são credores da consideração da Sociedade os benemeritos correspondentes, que a tem auxiliado, tanto no continente, como nas ilhas, e no imperio do Brazil; os nomes destes Senhores se acham impressos no verso da pagina do rosto do 4.º volume do Jornal: a Direcção propoem que esta Assembléa Geral lhes vote agradecimentos, assim como ao Excellentissimo Senhor Administrador Geral do Districto de Castello-Branco João José Vaz Preto Giralde, e aos Illustrissimos Senhores, Candido Xavier de Carvalho, e Luiz Maria dos Santos, da Cidade de Aveiro, pelo muito que concorreram para coadjuvar esta empreza no decurso do anno preterito.

A Direcção offerece ao exame da Assembléa Geral o Balanço respectivo ao anno findo, que mostra o estado dos capitaes da Sociedade, e com elle a conta da Receita e Despeza, que indica a proveniencia das quantias recebidas, e a sua classificada applicação. O Balanço appresenta, pelos lucros resultantes á Sociedade desde a sua installação, a somma de Rs. 6:351 § 860, e bem assim o Saldo, existente em caixa no ultimo de Dezembro, de Rs. 1:612 § 507: vê-se que os capitaes da Sociedade são reaes; por quanto existem Jornaes, que vão tendo successiva extracção, no valor de 2:782 § 520, tanto no deposito da casa, como em poder de Correspondentes; o deposito de papel contem 140 resmas e 359 folhas no valor de 804 § 650 réis; a Officina typographica acha-se importar na actualidade em Rs. 4:141 § 177, tendo-se dado para consumo de typos, compra de gravuras e outros gastos do mesmo estabelecimento a quantia de um conto de réis, por certo muito superior a todas aquellas despezas no espaço d'um anno: não fallando aqui na somma, que resulta dos saldos em mão dos Correspondentes: como tudo melhor se conhece do Balanço e Contas, e dos Livros a que se referem.

A' vista do exposto, compete á Assembléa Geral, depois de ouvir a Commissão, que na fórma dos Estatutos vai ser nomeada, o resolver se deve proceder-se á divisão dos lucros realizados em numerario.

A Direcção julga ter correspondido á confiança, que nella depositou a Assembléa Geral; e, se conseguir a approvação de seus actos, será essa a honrosa recompensa de suas diligencias e fadigas. =

Lisboa 31 de Dezembro de 1840. —

João Baptista Massa,

M. A. Vianna Pedra.

J. M. C. Silveira da Motta.

Senhores.



Commissão nomeada na conformidade dos Estatutos para o exame do Balanço e Contas do anno findo, e para dar o seu parecer ácerca do Relatorio da Direcção, vem dar-vos conta do resultado de seus trabalhos.

A Commissão, tendo examinado a Receita e Despeza da Sociedade no anno anterior, achou que a Direcção do mesmo anno recebeu a quantia de Rs. 10:253 § 692 inclusivè o Saldo existente em Caixa no ultimo de Dezembro de 1839, e despendeu a quantia de Rs. 8:641 § 185 segundo a Conta circumstanciada de Receita e Despeza apresentada pela Direcção conjunctamente com o Balanço; resultando por tanto o Saldo em Caixa de Rs. 1:612 § 507: e como a Receita e Despeza está devidamente comprovada com os respectivos documentos, e a escripturação conforme, é a Commissão de parecer que a Direcção tenha a devida quitação.

O Balanço apresenta um Activo de Rs. 16:391 § 074 que a Commissão examinou miudamente, não só nas quantidades das existencias e seus valores, porém nas circumstancias das dividas, e vindo pelo seu exame no conhecimento da exacção das mesmas existencias, e valores d'ellas, e suppondo as dividas todas cobraveis pela natureza e circumstancias dos devedores, e pela existencia de 1012 exemplares da Chronica do Cardeal Rei no valor de Rs. 303 § 600, segue-se por tanto que o referido Activo é o que representa: offerece mais o mesmo Balanço um Passivo de Rs. 10:039 § 214 sendo Rs. 10:000 § 000 Capital, e por tanto é o lucro no dia ultimo de Dezembro de 1840 Rs. 6:351 § 860 que corresponde a 63 $\frac{1}{2}$ por cento do Capital da Sociedade, e a 90 $\frac{3}{4}$ por cento do Capital desembolçado, o que próva uma prosperidade não equívoca d'esta Empreza.

Por esta occasião a Commissão é de parecer que os futuros Balanços sejam acompanhados do Inventario descriptivo de todas as existencias, não só para perfeito conhecimento dos Senhores Accionistas, porém para a devida regularidade do mesmo Balanço que deve ser copia exacta do respectivo Livro d'elles, a que mui judiciosamente o Codigo Commercial obriga como uma das partes essenciaes da regular Escripuração Mercantil; e é mais a Commissão de parecer que para as mesmas existencias seja marcado um abatimento certo annual calculado pela deterioração provavel dos differentes objectos das mesmas existencias, salvo casos extraordinarios como é evidente, resultando assim tres importantes fins: primeiro apresentar-se em cada anno o estado real e positivo da Sociedade; segundo o saber-se positivamente qual o lucro ou prejuizo da mesma Sociedade em cada um anno; e terceiro finalmente qual seja a responsabilidade das Direcções, que no entender da Commissão não podem dar valores a seu arbitrio ás existencias annuaes, o que poderia illudir a sua gerencia do anno findo.

Deve porém entender-se que d'esta opinião da Commissão se não deduza a menor idéa em desabôno da Direcção, por quanto a Commissão solememente declara a sua plena convicção não só da regularidade e exacção de sua gerencia, porém igualmente de seu infatigavel zelo pela prosperidade da Sociedade; e por estes motivos é a Commissão de parecer se lhe votem sinceros agradecimentos, e tanto mais devidos quanto ella os merece tambem em razão dos muitos afazeres proprios dos Membros de que se compõe, prestando-se tão generosamente a este trabalho gratuito, e ainda mais por annos successivos.

A Commissão vendo o prospero estado da Sociedade e os encargos d'ella, e tendo em vista algumas outras considerações, é de parecer que seja dividida pelos Senhores Accionistas a quantia de 1:600 § 000 réis ou Rs. 800 por Accção por conta de seus respectivos lucros, ficando Rs. 12 § 507 Saldo do dinheiro em Caixa, para a Conta de Fundos de reserva.

A Commissão se congratula de mui gostosamente dever annuir á proposta da Direcção em serem votados agradecimentos aos benemeritos Correspondentes da Sociedade, bem como ao Excellentissimo Senhor Administrador Geral do Districto de Castello-Branco João José Vaz Preto Giraldes, e os Illustrissimos Senhores Candido Xavier de Carvalho e Luiz Maria dos Santos, da Cidade de Aveiro, por quanto pelos exames a que procedeu, teve occasião de conhecer os valiosos serviços dos mesmos Senhores a esta Empreza no anno passado.

A Commissão chama a attenção da Assembléa Geral a respeito do Jornal da Sociedade, sendo de opinião que a mesma Assembléa recomende á futura Direcção a continuação do maior desvélo e cuidado na redacção d'elle, e boa escolha de seus artigos; abundando quanto seja possivel nos assumptos da verdadeira Religião, boa e sã moral, e devidos principios de educação e bons costumes, e quaesquer uteis reflexões, ou tambem descobrimentos, que digão respeito á Agricultura, Artes, e Officios, objectos estes que tratados devidamente, não só conservarão o credito já por certo estabelecido do Panorama, porém serão de utilidade á Sociedade pela continuação de sua extracção; e sobre tudo a Empreza d'esta fórma por agora satisfará ao honroso, e util titulo que adoptou, e que deve cumprir; e para os mesmos fins julga a Commissão poder concorrer tambem a continuação da publicação dos Inéditos de que trata a Direcção; devendo porém empregar-se todo o cuidado e escrupulo na escolha d'esses Inéditos, porque de outro modo a Sociedade soffrerá no seu credito, e ainda nos seus interesses. A Commissão aproveita esta oportunidade para declarar a conveniencia que talvez haja de cuidar da reimpressão de algumas das Obras [menos volumosas] dos nossos Escriptores Classicos, as quaes se tenham, por sua raridade, tornado de mui difficil acquisição, e mereçam por sua materia e estilo ter uso mais vulgar.

Finalmente a Commissão não deve deixar de lembrar a esta Assembléa o quanto se póde tornar prejudicial á Sociedade a falta de concurrencia ás Assembléas Geraes dos Senhores Accionistas de que ellas se compoem; e pede que este objecto se tenha na mais seria consideração.

Lisboa 10 de Março de 1841.

B. dos M. Dias e Sousa.

Manoel Emygdia da Silva.

Luiz Dally.

Alberto Francisco Maria Perfuma.

José Antonio David Henriques.

